

Ruy e a caricatura

HERMAN LIMA

UMA das iniciativas mais curiosas, no terreno artístico, entre nós, foi certamente a da Casa de Ruy Barbosa, lançando, para comemorar o centenário de seu eminente patrono, um luxuoso álbum com uma verdadeira biografia de Ruy, através das suas caricaturas, no correr de meio século.

Ideada por Antônio Simões dos Reis, o diretor da Casa, Américo Jacobina Lacombe, deu-lhe logo todo o apoio, confiando-me a honrosa e desvanecedora incumbência de fazer a seleção das caricaturas e a organização da crônica humorística da Águia de Haia, segundo o depoimento gráfico dos pinta-monos brasileiros da sua época.

O jornalista Francisco de Assis Barbosa chamou de chinês, numa excelente reportagem da *Fôlha da Noite* de São Paulo, êsse trabalho de pesquisa e seleção. Efetivamente, privado de qualquer indicação bibliográfica, tive de percorrer, durante semanas e semanas, as coleções das nossas principais revistas ilustradas da Biblioteca Nacional, o que só me foi possível, em face da excessiva boa vontade dos seus funcionários, auxiliares e chefes, permitindo-me, sem as exigências das consultas restritas a dois ou três volumes parcelados, manusear sem interrupção as preciosas raridades bibliográficas que elas de fato representam. Daí que, no correr de dois meses, me fôsse possível escolher, dentre perto de trezentas, cento e vinte das mais expressivas caricaturas, pela execução artística e pelo sentido da *charge*, relacionadas com a vida do glorioso brasileiro.

A primeira, a se focalizar, registra, justamente, sua estréia no parlamento, quando, a pedido de Sinimbu e do Conselheiro Dantas, enfrentou o grande tribuno gaúcho, Gaspar Silveira Martins, que, tendo deixado poucos meses antes o gabinete, entrara a atacar o governo imperial.

A estréia de Ruy constituiu um grande triunfo, não somente pelo destemor com que enfrentou o adversário, como pelo famoso aparte a José Bonifácio, que defendia Silveira Martins. Tendo o orador terminado seu discurso, vivamente aplaudido pelos amigos do ministério, José Bonifácio diz-lhe: "As palavras do nobre deputado acabam de receber o maior castigo nas palmas com que foram acolhidas" — ao que Ruy retruca, inopinadamente, relevando um plágio: "Palavras de Montalambert, em 1848, respondendo, na Câmara dos Pares, a uma interpelação de Vitor Hugo".

O episódio teve uma tremenda repercussão ainda mais em face da esplêndida *charge* de Ângelo Agostini, cuja *Revista Ilustrada* tinha uma

imensa voga em todo o país. Muito embora contrária ao parlamentar baiano, como se vê da legenda, onde o nome de Ruy vem, curiosamente deturpado, na forma que os seus adversários utilizariam muitas vezes, no correr dos tempos, a caricatura de Agostini valeu ainda assim por uma estrondosa consagração do primeiro triunfo oratório da futura Águia de Haia.

Daí em diante, os caricaturistas não o largariam mais, sendo Ruy, sem dúvida, o nosso homem público, sem função governamental, mais visado pelo lápis irreverente dos nossos fazedores de bonecos.

Dêsse modo, como se verá brevemente do álbum em vias de publicação, foram dezenas e dezenas de vezes que, seguidamente, sua figura — e tão marcados traços animaria a galeria de instantâneos humorísticos da política nacional, fixados pelo lápis dos mestres dessa grande arte atualmente tão menosprezada, entre nós, principalmente de J. Carlos, Kalixto, Raul, Storni, Lobão, e o citado Ângelo Agostini.

A vitória universal do congresso de Haia em 1907, a grandiosa campanha civilista, em 1909, seu jubileu cívico, em 1918, a segunda campanha presidencial de 1919, quando concorreu às urnas com Epietácio Pessoa, encheram páginas e páginas das nossas grandes revistas ilustradas, ao sabor da *Careta*, d'*O Malho*, da *Revista da Semana* e do *Fon-Fon*.

Coisa notável, entretanto, é que os nossos grandes caricaturistas em geral o trataram sempre com o maior respeito à sua eminente personalidade, deformando-lhe a imagem, não no sentido do ridículo, como é próprio da caricatura satírica, porém para lhe ressaltarem as qualidades intelectuais, figuradas na grande cabeça.

Êsse aspecto já fôra observado, com muita agudeza, pelo crítico baiano Carlos Chiacchio, quando lhe dedicou um número do seu *Jornal de Ala*, em 1940.

Dessa magnífica publicação é digno de nota o capítulo que a respeito dêste mesmo assunto lhe dedicou o ilustre polígrafo falecido há três anos na Bahia, ao acentuar a estranha força cômica de certas apóstrofes de Ruy, marcadas com o mais vivo cunho caricatural. "Nunca subiu, tão alto e largo, entre nós, o riso político, sob linguagem facêta, como na chamada campanha civilista contra o hermismo — diz Chiacchio. — Ruy fê-lo uma caricatura cotidiana, vizinha, parelha, êmula do "Jeca". O "Jeca", idem. "Mané Côco." "Suco do Senado". "Cara de bronze". "Caim". "Papão

da berraria". "Cornetim de tintureiro". "Chan-tecler dos poteiros". E quantos outros lances da galeria humorística de Ruy. Um bando".

O seguinte trecho dêsse esplêndido ensaio, apesar de longo, é ainda merecedor de transcri-ção:

"Será digno, neste caso à parte — Ruy e a ca-ricatura — ainda não tentado por ninguém, sa-ber-lhe do próprio engenho, a confissão íntima de sua *vis comica*: "Os leitores podem testificar em como eu *ri sempre*. Com o ridículo é que me fiz implacável, e tenho com êle o mesmo costume,

No que deu a famosa interpelação gasparina



O Sr. Ruim Barbosa, querendo dar uma prova de sua dedicação ao govêrno, investe furioso contra o Silveira Martins. Alto lá! disse o José Bcni fácio; você não vê que o meu companheiro está cantando as virtudes de seu amo?

Ângelo Agostini — Revista Ilustrada de 25 de abril de 1879

(É a primeira caricatura de Ruy, na imprensa e alude à sua estrêita na Câmara, respondendo à interpelação ao govêrno feita pelo famoso tribuno Gaspar Silveira Martins, em 16 de abril de 1879)

A Questão Militar



Teixeira da Rocha — Vida Fluminense de 18 de outubro de 1889

(Alude aos artigos de Ruy e Quintino Bocaiúva, pelo Diário de Notícias e O País, pondo em relêvo a questão militar, o que muito contribuiu para a queda do gabinete Ouro Preto — figurado no morcego do alto — e apressou a proclamação da República)

que com o demônio da desgraça usava um escritor muito do meu trato: entalá-lo pela cauda, e obrigá-lo a trejeitar diante de mim em sarabandas de galhofa". O riso, assim, fez-se-lhe credo estético. Através dêle, o perfil dos tipos, costumes, cenas do país. O Jeca é antológico: "De pé, não é gente. A não ser assentado sôbre os calcanhares, não desemperra a língua, "nem há dizer coisa

com coisa". A sua biboca de sapé faz rir aos bichos da toca. Por cama, "uma esteira espipada". Roupa, a do corpo. Mantimentos, os que junta aos cantos da sórdida arribana. O luxo do toucinho, pendente de um gancho da cumieira. À parede, a pica-pau, o polvarinho de chifre, o rabo de tatu, e, em pára-raio, as palmas bentas. Se a cabana racha, está de "janelinhas abertas



Candidatura Nacional

Realiza o lançamento da candidatura de Ruy à presidência, por iniciativa do governador da Bahia, José Marcelino, que aparece ao lado de Antônio Azeredo, Gil Vidal, Paula Guimarães, Inácio Tosta e João Neiva

J. R. Lobão—O Malho de 15 de julho de 1905

para o resto da vida". — Humor, e do autêntico, em acidez das intenções generalizantes. Há, todavia, intercorrente, o humor direto, aferretado aos nomes: "O primeiro é o Sr. Antônio Azeredo, o "suco" do Senado. Acertei? Pois seja Deus louvado. Outro é o Sr. Urbano dos Santos, o passaculpas da matança do "Satélite". Vai direito? Então sigamos. Vem atrás o Sr. Dois Jotas Seabra, o bombardeador da Bahia. Dei no vinte? Neste

caso vou me animando. O quarto vem a ser o Sr. Lauro Müller, o nosso Leninezito em esbôço. Estais por isto? Ides então concordar que o quinto é o Sr. Álvaro de Carvalho, o derradeiro principalho da oligarquia paulista. Não errei? pois então apostemos que o sexto será o Sr. Carlos de Campos, a prole infiel do presidente da convenção paulista. E o sétimo será o Sr. Altino Arantes, o Adônís do Guarujá. Este pessoalho de optimates



Kalixto — Fon-Fon de 19 de fevereiro de 1909

Políticos em evidência na época: Afonso Pena, Rio Branco, David Campista, Tavares de Lira, Miguel Calmon, Nilo Peçanha, Hermes, Francisco Sales, Ruy, Alfredo Pinto, Pinheiro, Irineu Machado, Carlos Peixoto, Barbcsa Lima, Pedro Moacir, James Darci e Alexandrino de Alencar

forma a charanga alemã do presidencialismo. O flauteante Sr. Vice-Presidente do Senado, tendo levado em flauta a vida tôda, é o homem do flautim. O bojudinho Sr. ministro da Justiça é o sujeito do bumbo e dos pratos. Mas maranha e tata-ranha pela música inteira. O preclaro Sr. Dois Jotas Seabra, o estampido em figura de gente, é o trombone da petardada, e, nos dias grandes, solta a cabaça da roncadeira, com que se arreda o rugitar da onça”.

mesmo credo estético — o da deformação intencional — aquêles que assim freqüentemente o tomavam para motivo de suas composições hilariantes e por isso não deixasse de considerá-los com uma certa bonomia, excetuando-se, apenas, os que, pelas páginas d'“O Malho”, durante a campanha civilista, o procuraram, excepcionalmente, ridicularizar, visando, de preferência, seu maior título de glória que era o consagrado pelo povo: a Águia de Haia.



Carnaval Político

Figura a saída do Bloco Carnavalesco Civilista, vendo-se Irineu Machado, Ruy, Barbosa Lima, Gil Vidal, Brício Filho, Pedro Moacir e Monteiro, Pai João

J. R. Lobão — O Malho de 5 de fevereiro de 1910

E' orgânica a força de Ruy na plasticização do humor político — conclui Chiacchio. — Graças a ela é que nos legou florões típicos de sátira inseparável da história de nossas letras”.

O grande brasileiro, no íntimo, talvez considerasse mais ou menos como companheiros do

Efetivamente, as composições da revista que, na época, suplantava tôdas as demais, pela popularidade das suas *charges* políticas, discutidas de norte a sul — aquêles famosos grupos de figurões dizendo coisas mais ou menos ferinas uns aos outros, ou uns dos outros — não o pouparia, durante

Na "raia" graúda



Grande prêmio "Presidencial" — Entra, cavaignac!

Kalixto — Don Quixote de 27 de julho de 1917

Rodrigues Alves e Ruy Barbosa, correndo parelha.

(Alude ao lançamento da candidatura Ruy, contra a de Rodrigues Alves, que sairia vencedor)

a campanha, que ficaria como o mais belo torneio político de que há memória nos anais brasileiros.

E' que o diretor da empresa, Antônio Azere-do, tendo rompido com Ruy Barbosa, passou a utilizar contra o eminente baiano o lápis dos colaboradores da revista, como se se tratasse da pena mais vingativa e eficiente, pelo inegável prestígio da imagem gráfica. O próprio Ruy, por diversas vezes, teve ocasião de revidar de público a êsses ataques, especializando a virulência das alegorias

humorísticas de que era vítima, sendo certo que semelhante adversário não deixaria de pesar grandemente na balança do julgamento popular, em face do imenso prestígio d'"O Malho", entre os leitores brasileiros de tôdas as classes.

Ao tempo da segunda candidatura de Ruy contra a de Eptácio Pessoa, "O Malho", sob outra orientação, seria seu mais vivo propagandista, sendo inúmeras as *charges* que dedicou aos dois pró-ceres, exalçando sempre o grande jurisconsulto de

Um argumento pesado



O BOM-SENSENHO. — Alem de tudo, vocês comprehendem, não é logico um conflicto entre embaixadores da paz.

J. Carlos — Careta de 15 de março de 1919

(Os dois candidatos à presidência, em 1920: Ruy e Eptácio Pessoa)

Haia, o que fariam também as outras revistas de maior prestígio na época, pelo brilho dos seus colaboradores artísticos, tais como *Careta*, *Para todos*, *Don Quixote* e *Revista da Semana*.

As *charges* de J. Carlos e Raul, então publicadas no velho magazine, teriam com certeza feito Ruy Barbosa esquecer a memória das passadas ferretoadas de Storni e Lobão.



A patativa do norte e a pata ativa da morte

J. Carlos — O Malho de 8 de março de 1919

A Convenção escolhe Epitácio Pessoa e esmaga os outros candidatos: Seabra, Ruy, Francisco Sales, Dantas Barreto e Altinos Arantes



HISTÓRIA DO BRASIL

...e quatrocentos e dezenove anos mais tarde, outro navegador descobriu Jeca Tatu. Alude ao famoso discurso de Ruy Barbosa, sobre o Jeca Tatu, dos Urupês, de Monteiro Lobato, o que, na época, valeu pela maior consagração já conseguida por um escritor brasileiro, dada a imensa repercussão que o discurso teve no Brasil inteiro, com o seu irrestrito favor ao livro admirável do grande escritor paulista

J. Carlos — O Malho de 3 de maio de 1919